

# **PERSPECTIVAS DO DIÁLOGO PENINSULAR NO MOMENTO DA FORMAÇÃO DAS IDENTIDADES NACIONAIS**

O ANTICASTELHANISMO NOS SÉCULOS XVIII E XIX

RUI DANIEL DO NASCIMENTO E SOUSA

Ao longo deste artigo procuraremos ter em conta três aspectos fundamentais: a progressiva e irreversível inserção no contexto europeu do diálogo mantido entre os dois estados da Península Ibérica, algo que condicionará muitas das principais decisões e perspectivas de ambos os lados e contribuirá de modo decisivo para a definição das respectivas identidades nacionais; a noção de ibericidade, no sentido enquanto existência de uma base comum a partir da qual se estabelece o diálogo entre os dois estados ibéricos, como dedos de uma mão comum; e a questão da cultura negativa enquanto parcela relevante da construção da identidade nacional portuguesa, neste caso procurando observar como ao longo dos dois séculos em análise foi sendo forjada, paralelamente a outro tipo de discursos, uma perspectiva negativa relativamente a Espanha a que poderemos chamar anticastelhanismo.

Verifica-se que o século XVIII se inicia com a primeira manifestação de intervenção portuguesa num conflito europeu, no caso a Guerra de Sucessão de Espanha, evidenciando-se logo desde esse momento uma maior abertura do palco em que se passa a movimentar o diálogo entre os dois reinos ibéricos, condicionado cada vez mais pelo peso da Inglaterra e da França, potências dominantes que jogaram com a antiga adversidade entre os reinos peninsulares de acordo com os seus interesses e a sua disputa pela hegemonia europeia. Nesta circunstância serão tidas em conta, preferencialmente, as perspectivas e memórias de figuras cruciais da diplomacia e da decisão política portuguesa do início de Setecentos, como o 1º Duque de Cadaval, José da Cunha Bruchado, o Conde de Povolide, D. Luís da Cunha e Alexandre de Gusmão, e alguns criadores do período, como o Cavaleiro de Oliveira e o poeta Filinto Elísio. Através do seu discurso será tida em conta a sua reflexão a respeito do reino vizinho e da evolução do conflito de Sucessão de Espanha, do subsequente reinado de D. João V e do enquadramento europeu da Península. Será ainda relevante a querela entre os reinos peninsulares a respeito das fronteiras da América do Sul, nomeadamente a propósito da

Colônia do Sacramento, que conduziria ao Tratado de Madrid e a outros tratados subsequentes.

Na segunda metade do século XVIII, serão consideradas com maior atenção, neste contexto, três questões que nos parecem relevantes: a política externa pombalina e o seu discurso contrário à dominação de Portugal por Espanha, quer através das suas reflexões a respeito dos jesuítas, identificando-os com a instauração do reinado de Filipe II, quer através do seu programa político de enquadramento europeu e da sua visão de Portugal antes e depois da Restauração de 1640; a perspectiva que os escritores foram elaborando da relação com Espanha e, por exemplo, da efémera invasão de 1662-63 (a propósito do Pacto de Família e da intenção de Portugal manter a aliança com Inglaterra), evidente em nomes como Bocage, Nicolau Tolentino, Correia Garção, Domingos dos Reis Quita, José Anastácio da Cunha, entre outros, assim como a dos estrangeirados, casos de, entre outros, Ribeiro Sanches e Luís António Verney; a intervenção ibérica no momento subsequente à Revolução Francesa, sobretudo na campanha do Rossilhão, e a sequencial aliança de Espanha e França para forçar Portugal a quebrar a ligação com Inglaterra, algo que culminaria na invasão de 1801, conhecida como *Guerra das Laranjas*, que teria ecos na literatura portuguesa, por exemplo na obra de Joaquim Bingre.

Quanto ao século XIX, realçaremos a profundidade e impacto que, conforme afirma Gabriel Augusto Coelho Magalhães, teve a súbita entrada da modernidade na Península Ibérica a partir das invasões francesas, potenciando a proximidade entre os dois reinos ibéricos, alimentando o aparecimento da identidade nacional nos dois lados da fronteira, o discurso contrário a ingleses e franceses e os primeiros ecos de intenções iberistas, o que não impediria também que prosseguisse um sentido anticastelhano no pensamento português. Analisaremos brevemente o paralelismo da situação peninsular desde a Guerra Peninsular às primeiras manifestações liberais, ao seu fracasso e ao encontro dos liberais portugueses e espanhóis no exílio, potenciando depois a definitiva revolução. Procuraremos evidenciar a relação entre o nacionalismo romântico emergido do triunfo do liberalismo e marcas da presença de discurso anticastelhano, quer na produção literária e historiográfica de vultos como Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Lopes de Mendonça quer na perspectiva política de, entre outros, Rodrigo de Sousa Coutinho, Liberato Freire de Carvalho, Rocha Loureiro, Mousinho da Silveira ou José Estevão.

Na segunda metade do século XIX ganhará evidência o desenvolvimento do conceito de iberismo, desde as perspectivas do espanhol Sinibaldo de Mas e do português Henriques Nogueira, nas suas duas facetas principais (enquanto união ibérica monárquica e enquanto federalismo peninsular). Serão analisadas quer as diferentes manifestações de nacionalismo e anti-iberismo evidenciadas em vários panfletos e textos de entre as décadas de 50 e 80, quer o debate em torno da questão nacional que figuras tão diferentes como Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Teófilo Braga, João de Andrade Corvo, Augusto Fuschini, Latino Coelho, Gomes Leal, entre outros, desenvolveram. A presença de questões como a civilização comum aos dois estados ibéricos, a possibilidade de federação e o pairar da ameaça de uma invasão militar espanhola, a influência da revolução republicana espanhola e do seu posterior fracasso no discurso político destes pensadores, a necessidade de afirmação peninsular numa Europa em progressiva transformação na qual as potências coloniais reduziam cada vez mais o impacto dos dois estados peninsulares, assim como a própria visão caricatural de Espanha (por exemplo através do recurso literário à prostituta espanhola ou aos touros de morte), serão tidos em conta.

O contexto geral do fim do século XIX exigirá também uma abordagem significativa, tendo em conta o reacender do conceito de iberismo como resposta à ferida nacional representada pelo Ultimato Inglês de 1890, a ascensão do discurso republicano que conduziria à revolução de 1910, que manipulou de maneiras diversas a relação entre Portugal e o país vizinho, e o impacto da queda da monarquia e da promessa de um novo regime republicano no imaginário de autores finiseculares como Guerra Junqueiro, António Nobre, Fialho de Almeida, entre outros, e de personalidades relevantes do pensamento nacional como Sampaio Bruno, pensamento nacional esse que, de uma forma ou de outra, nunca deixou de evidenciar traços da presença de anticastelhanismo como uma das marcas fundamentais da cultura portuguesa desde que Portugal surgiu enquanto reino independente, nestes dois séculos conhecendo cambiantes, transformações e envolvências muito distintas.